

MEDOS

ANTOLOGIA DE CONTOS INSÓLITOS RUSSOS

Introdução e Organização de
LARISSA SHOTROPA

LIVRO
B

ÍNDICE

<i>Nota sobre a edição e a tradução</i>	9
<i>Literatura Fantástica Russa - Breve incursão por um género</i>	13
Russalka	
<i>Orest Somov (Tradução de Patrícia Guerreiro Nunes)</i>	31
O conselheiro de Estado	
<i>Vladimir Odoievski (Tradução de Ana Vieira)</i>	43
Onde há amor, há Deus	
<i>Lev Tolstoi (Tradução de Vítor Godinho Boavida)</i>	55
Os três eremitas	
<i>Lev Tolstoi (Tradução de Vítor Godinho Boavida)</i>	71
O sapateiro e o diabo	
<i>Anton Tchekhov (Tradução de Teresa Abecasis)</i>	81
Medos	
<i>Anton Tchekhov (Tradução de Teresa Abecasis)</i>	91
O capitão Nemo na Rússia	
<i>Konstantin Sluchevski (Tradução de Gabriel Henriques)</i>	99



Silêncio	
<i>Leonild Andreiev (Tradução de João Maria Lourenço)</i> . . .	127
O Sino	
<i>Leonid Andreiev (Tradução de João Paterno)</i>	145
Agora, quando acordei...	
<i>Valeri Briussov (Tradução de João Cunha)</i>	153
Ao espelho	
<i>Valeri Briussov (Tradução de Ana Vieira)</i>	165
Debaixo da Ponte Velha	
<i>Valeri Briussov (Tradução de João Cunha)</i>	179
Viagem nocturna	
<i>Valeri Briussov (Tradução de João Cunha)</i>	197
Morte por anúncio	
<i>Fiodor Sologub (Tradução de Esther Liebermann</i> <i>Paiva de Andrade e Leonor Ramalho)</i>	203
Notas de um louco	
<i>Lev Tolstoi (Tradução de João Maria Lourenço)</i>	219
Viagem à terra do éter	
<i>Nikolai Gumiliou (Tradução de João Maria Lourenço)</i>	237
A estrela azul	
<i>Aleksandr Kuprin (Tradução de João Paterno)</i>	251
<i>Notas biobibliográficas.</i>	269



Aleksandr Kuprin

A ESTRELA AZUL (1927)

Há muito, muito tempo, numa era já esquecida, vivia num planalto um povo de pastores pacatos, separado do resto do mundo por penhascos íngremes, abismos profundos e florestas densas. A história já não recorda, nem é possível sabê-lo, há quantos séculos escalou aquelas montanhas outro povo estrangeiro, um povo de homens altos e fortes vestidos de ferro, que veio dos lados do sul. Estes severos guerreiros gostaram da terra que tinham descoberto. Gostaram da gente dócil que lá vivia, do seu clima agradavelmente quente, da boa água e do chão fértil. E então decidiram estabelecer-se lá para sempre. E, para que tal acontecesse, nem necessitaram de conquistar a terra, pois os seus habitantes não conheciam o mal nem as armas de guerra. Conquistaram-na removendo as armaduras pesadas que tinham trazido para casar com as mais belas mulheres. Depois, tornaram chefe um guerreiro corajoso chamado Ern, em quem depositaram todo o poder real, hereditário e ilimitado. Naquele tempo distante, tal ainda era possível.

Desde essa época passaram cerca de mil anos. Os descendentes dos guerreiros misturaram-se de tal forma com a população local, que já não se lhes notavam as diferenças no modo de falar ou no aspecto físico: a compleição dos antigos cavaleiros fora completamente

diluída pelas feições do povo de Ernoterra. Uma língua antiga, quase esquecida até pelos próprios reis, continuava a ser falada apenas na corte, onde era reservada para as ocasiões mais solenes e cerimoniais ou, ocasionalmente, para exprimir conceitos ou sentimentos mais elevados. O povo imortalizara o seu rei Ern, *o Primeiro*, Ern, *o Grande*, Ern, *o Santo*, numa bela lenda inalterada pelo tempo, do mesmo modo que outros heróis foram imortalizados pelos seus povos, Hiawatha pelos índios, Weenemene pelos finlandeses, Vladimir, *o Sol Vermelho*, pelos russos, Moisés pelos judeus ou Carlos Magno pelos franceses.

Foi ele mesmo, o sábio Ern, quem ensinou ao povo de Ernoterra a agricultura, a jardinagem e a metalurgia. Foi ele quem lhes transmitiu a escrita e a arte. Deu-lhes também as bases das escrituras sagradas e da lei. A religião baseava-se na leitura de uma oração numa língua incompreensível, e a lei básica era apenas uma: ninguém mente em Ernoterra. Os homens e mulheres eram considerados iguais em direitos e responsabilidades, e todos os títulos e privilégios tinham sido eliminados no primeiro dia do reinado. O próprio rei recebia somente o título de «primeiro servo do povo». Ern, *o Grande*, também instaurara a lei da sucessão, segundo a qual o primogénito herdava sempre o trono, fosse menino ou menina, e seria livre de se casar por sua livre vontade. Por fim, Ern, *o Primeiro*, que conhecia bem as tentações, a depravação e a malícia que corrompiam as nações educadas, ordenou que se destruísse e tornasse inacessível o trilho pela montanha através do qual tinham chegado àquela terra o próprio rei e o seu glorioso grupo.

E então, sob o poder ancestral e sábio da dinastia Ern, a Ernoterra floresceu e os seus habitantes viveram uma vida inocente, plena e maravilhosa, sem conhecerem a guerra, o crime e a pobreza durante mil anos.

No antigo castelo milenar, permaneciam como lembrança alguns objectos que tinham pertencido a Ern, o *Primeiro*: a sua armadura, o seu elmo, a sua espada, a sua lança e algumas palavras obscuras que o rei havia escrito, com a ponta de uma adaga, na parede da sala de caça. Mas, passados tantos séculos, já ninguém em Ernoterra conseguia levantar a velha armadura do chão nem uma polegada que fosse, ou brandir a espada, mesmo usando ambas as mãos, ou ler as palavras escritas pelo rei. Preservavam-se também três imagens do rei: uma, de perfil, num pequeno mosaico; outra, que era um retrato pintado; e ainda mais uma esculpida em mármore. E devo dizer que todos estes retratos, feitos com grande amor e mestria, eram objecto de profunda frustração para todos aqueles que admiravam o primeiro rei de Ernoterra. A julgar pelas imagens do rei, não sobravam dúvidas de que o grande sábio Ern, justo e santo, tinha sido de uma excepcional fealdade, apesar de no seu rosto feio não se notar um único traço de malícia ou de repulsa. Apesar de o povo de Ernoterra se orgulhar da sua própria beleza física, a fealdade do seu primeiro rei era compensada apenas pela lendária beleza da sua alma. A lei da semelhança hereditária nos humanos tem estranhos caprichos. Por vezes, uma criança que nasce não se parece com os seus pais, nem com os seus avós ou bisavós, mas com outro familiar distante, separado de si por várias gerações. Por isso mesmo, na dinastia dos reis Ern, as crónicas celebravam o nascimento de crianças feias, apesar de este fenómeno se ter tornado cada vez mais raro ao longo da História. E diga-se em abono da verdade que estes príncipes feios se distinguiam, quase propositadamente, por qualidades espirituais muitíssimo elevadas – como a bondade, a inteligência e a alegria. Esta tão justa

misericórdia do destino para com as tristes aberrações reais era suficiente para agradar ao povo de Ernoterra, tão exigente na beleza das feições, das formas e dos movimentos.

O bom rei Ern XXIII, que se distinguia por uma beleza excepcional, casou-se por amor com a mais bela rapariga de Ernoterra. Mas os filhos tardaram a vir, durante dez anos após o casamento. Pode-se imaginar a alegria do povo quando, ao décimo primeiro ano do casamento real, se espalhou a notícia de que a adorada rainha de Ernoterra se preparava para ser mãe. O povo alegrou-se pelo casal real, mas também porque o futuro da família real estava assegurado em linha directa de sucessão. Seis meses depois, o povo tornou a alegrar-se ao saber do nascimento bem-sucedido da Princesa Erna XIII. Nesse dia, não houve uma única pessoa em Ernoterra que não brindasse à saúde da princesa.

Mas, no palácio real, nem todos se alegraram. A parteira da corte, ao receber a princesa, abanou de imediato a cabeça, estalando a língua com amargura. A rainha, quando lhe trouxeram a menina para que a visse, vomitou nas palmas das mãos e exclamou:

— Oh meu Deus, que menina tão feia! — e começou a chorar, apenas durante um minuto. Depois parou de chorar e, esticando as mãos, disse:

— Não! Não, dá-me o meu bebé o mais rapidamente possível. Hei-de ter por ela o dobro do amor por ser, coitadinha, tão feia.

O pai também estava extremamente perturbado.

— O destino deve ter sido muito cruel — disse ele. — Ouvimos falar de príncipes feios na nossa dinastia, mas é a primeira vez que temos uma princesa feia! Rezemos para que a fealdade do seu corpo seja

compensada pelos belos dons da alma, do coração e da mente.

E o mesmo disse o povo, ao saber da aparência feia da menina.

Entretanto, a rapariga crescia todos os dias e tornava-se cada vez mais feia. Como ainda não tinha consciência do seu infortúnio, a princesa dormia descansada, comia com apetite e era uma criança alegre e saudável. Aos três anos, a sua semelhança com os retratos de Ern, o *Grande*, tornou-se evidente para toda a corte. Mas já nessa tenra idade a princesa demonstrava as suas encantadoras qualidades interiores: bondade, paciência, calma, atenção aos outros, amor pelas pessoas e pelos animais, uma mente clara, viva, precisa e sempre amigável.

Nessa altura, a rainha foi ter com o rei e disse-lhe:

— Meu soberano e querido marido, quero pedir-vos um grande favor para a nossa filha.

— Dizei, minha esposa amada, embora saibais que não vos posso negar nada.

— A nossa filha está a crescer e, aparentemente, Deus deu-lhe uma mente invulgar, que ultrapassa o crescimento do seu corpo. Em breve chegará o triste dia em que a boa e amada Erna se aperceberá de quão excepcionalmente feia é a sua aparência. Temo que isso lhe traga uma profunda dor, não só nesse momento, mas para o resto da sua vida.

— Tendes razão, querida esposa, mas que poderei eu fazer para amenizar esse inevitável golpe que espera a nossa querida filha?

— Não vos zangueis, senhor, se o meu pensamento vos ofender. É imperativo que Erna nunca veja o seu reflexo num espelho. Assim, se alguém mal-intencionado lhe disser que é feia, ela nunca conhecerá a verdadeira dimensão da sua fealdade.

— É isso que quereis?

— Sim. Quero que não haja um único espelho em Ernoterra.

O rei ponderou. Depois disse:

— Essa será uma grande privação para o nosso bom povo. Graças à lei do meu grande antepassado sobre a igualdade dos sexos, as mulheres e os homens são igualmente vaidosos. Mas sabemos do amor profundo que têm por nós e a devoção que já provaram ter pela Casa Real e acreditamos que aceitarão de bom grado este pequeno sacrifício. Hoje vou emitir e publicar o decreto sobre a remoção e destruição de todos os espelhos, de vidro ou de metal, que existam no Reino.

O rei não estava enganado quanto ao seu povo que, naqueles tempos felizes, formava uma grande família com a Casa Real. Toda a gente em Ernoterra compreendeu com grande simpatia os motivos delicados da ordem real e rapidamente entregou à guarda do Reino todos os espelhos que possuía, e até simples fragmentos de espelhos. É verdade que os mais brincalhões não perderam a oportunidade para uma alegre manifestação, passando pelo palácio com o cabelo desalinhado e a cara coberta de terra. Mas, quando o povo se diverte, ainda que o faça com um toque de sátira, o rei pode dormir descansado.

O sacrifício feito pelos súbditos a pedido do rei foi ainda mais significativo pelo facto de todos os ribeiros e regatos de Ernoterra correrem muito depressa e, portanto, não reflectirem objectos.

A princesa Erna completara quinze anos. Era uma rapariga forte e tão alta, que ultrapassava o homem mais alto pela altura de uma cabeça. Agradava-lhe bordar tecidos leves e tocar harpa. Não havia quem a derrotasse a atirar a bola, e era capaz de andar pela

borda das falésias como uma cabra selvagem. Emanava bondade, simpatia, justiça e compaixão, como raios espalhando luz, calor e alegria ao seu redor. Nunca se cansava de ajudar os doentes, os velhos e os necessitados. Sabia tratar feridas e conhecia as ervas medicinais. O verdadeiro dom que o Senhor Celestial conferia aos reis terrenos estava nas suas mãos milagrosas: colocando-as sobre os escrofulosos e os epiléticos, curava-os das suas doenças. O povo idolatrava-a e, por onde passasse, era recebida com bênçãos. Mas muitas, bastantes vezes, a Princesa Erna notava olhares fugazes que a seguiam, olhares de pena silenciosa e condolência.

— Talvez eu não seja como todos os outros... — pensava a princesa, e perguntava às suas damas de companhia:

— Digam-me, amigas queridas, sou ou não bonita?

E como ninguém mente em Ernoterra, as donzelas da corte respondiam-lhe com sinceridade:

— Não se pode dizer, princesa, que sejais bela, mas sois sem dúvida a mais doce, inteligente e gentil de todas as meninas e senhoras do mundo. Acreditai, o mesmo vos dirá a pessoa que está destinada a ser o vosso marido. Mas nós, mulheres, não sabemos julgar os encantos femininos.

E era verdade: era difícil para elas julgar a aparência da princesa. Nem a estatura, nem o corpo, nem a constituição, nem as características do rosto: nada se assemelhava remotamente às restantes mulheres de Ernoterra.

O dia do décimo quinto aniversário da princesa (o início da maturidade, de acordo com as leis de Ernoterra) foi celebrado no palácio com um jantar sumptuoso e um magnífico baile. Na manhã seguinte, a bondosa

princesa Erna reuniu num cesto algumas iguarias raras que haviam sobrado do banquete da noite anterior e, com o cesto no braço, percorreu seis quilómetros através das montanhas para ir visitar a sua ama de leite, de quem era muito próxima. Ao contrário do que era habitual, uma caminhada matinal e o ar limpo da montanha não a deixaram mais feliz. Todos os seus pensamentos se concentravam nos olhares de estranheza nos quais tinha reparado no baile da noite anterior. A alma de Erna era pura e inocente, como a neve que cobre eternamente os picos mais altos. Mas o seu instinto feminino, o olhar atento e a flor da idade contavam-lhe outra história. Tinham-lhe permitido notar a aversão com que os jovens dançarinos olhavam uns para os outros ao vê-la. Mas nenhum desses olhares pesados a tinha encarado. Em vez disso, os jovens observavam-na com olhares submissos, devotos e educados, com sorrisos respeitosos e vénias baixas, que aquela inevitável, aquela terrível sombra de horror nunca abandonava. Serei assim tão feia? Será que sou uma aberração, um monstro que inspira nojo e ninguém se atreve a dizer-me?

Envolta nesses pensamentos tristes, Erna chegou à casa da ama e bateu à porta, mas, como ninguém veio abrir, decidiu entrar (naquele país ainda não se conheciam as fechaduras) para esperar por ela. Já o tinha feito várias vezes, quando não conseguia encontrá-la.

Sentada à janela, descansando perdida nos seus tristes pensamentos, a princesa observou despreocupada os móveis e os objectos até que de repente viu, de parte, a caixa onde a ama guardava todo o tipo de coisas associadas à sua infância, aos seus primeiros amores, ao seu casamento e ao seu dia-a-dia no palácio: pequenos seixos coloridos, prega-deiras, bordados, fitas, selos, anéis e outras ninharias

insignificantes. Desde pequena, a princesa adorava remexer nesses objectos e, apesar de saber de cor as suas histórias, tinha sempre gosto em ouvi-las uma vez mais. Mas estranhou o facto de a caixa estar num local tão à vista: a ama guardara-a desde sempre num esconderijo e, se porventura alguém visse demasiado, embrulhava-a num pano e escondia-a cuidadosamente noutra sítio.

— Ela devia estar com pressa. Saiu de casa por um instante e esqueceu-se de esconder a caixa — pensou a princesa, sentada à mesa.

Poisando casualmente a caixa nos joelhos, começou a observar os objectos, colocando-os depois nas pregas do vestido. E então, quando chegou ao fundo da caixa, viu um fragmento plano e oblíquo. Tirou-o e observou-o de perto. Era vermelho num dos lados e prateado no outro. Aparentava ser profundo e era brilhante. E então a princesa viu no fragmento o canto de uma sala e uma vassoura encostada à parede. Inclinou-o um pouco e viu reflectida uma velha cómoda de madeira. Mais um pouco e surgiu uma cara tão feia, que não poderia ser objecto da sua imaginação.

Erna ergueu as sobrancelhas, e logo o rosto a imitou. Inclinou a cabeça e o rosto inclinou-se. Passou os dedos pelos lábios e viu, no fragmento, uma mão fazer um movimento igual. E então Erna percebeu que olhava para o seu próprio rosto através do estranho fragmento. Afastou o espelho e levou as mãos à cabeça, tapando os olhos, e caiu sobre a mesa tomada pela amargura.

Naquele mesmo instante, a ama regressara a casa. Viu a princesa com a caixa de que se tinha esquecido e rapidamente compreendeu o que se passara. Ajoelhou-se diante dela e começou a dizer palavras ternas, mas patéticas. Com um movimento, Erna levantou-se da mesa e endireitou as costas. Os seus olhos, embora

secos de lágrimas, estavam zangados. E então ordenou secamente:

— Conta-me tudo.

E apontou com o dedo para o espelho. O eco desta vontade fora inesperado, mas era de tal modo inflexível, que a ama não ousou desobedecer, e contou-lhe tudo sobre os feios príncipes prodigiosos, sobre a tristeza da rainha ao dar à luz uma menina tão feia, sobre a forma comovente como tentara poupar a filha àquele duro golpe do destino e sobre o decreto real para a destruição de todos os espelhos. E ao dizer tudo isto a ama chorava, puxava os próprios cabelos e amaldiçoava a hora em que, para desgraça da sua querida princesa Erna, tinha escondido, por uma estúpida fraqueza feminina, o fragmento proibido de um espelho.

Depois de ouvir até ao fim, a princesa Erna disse com um sorriso nos lábios:

— Ninguém em Ernoterra se atreve a mentir!

E, dito isto, saiu de casa. A ama, alarmada, quis segui-la, mas a princesa ordenou-lhe severamente que ficasse, ao que ela obedeceu. E como poderia ela desobedecer à ordem da princesa? Tinha ouvido a voz orgulhosa de uma princesa herdeira de uma dinastia milenar, e não a voz sempre calma daquela doce menina que outrora tinha amamentado.

A princesa Erna caminhava pelos trilhos tortuosos da montanha e o vento fazia esvoaçar a saia do seu longo vestido azul. Num penhasco íngreme, via-se a neblina escura do abismo e ouvia-se o som da água a cair, como se estivesse suspensa por uma fita branca. Havia nuvens sob os seus pés, um espesso nevoeiro sombrio. Mas Erna não via nada, nem tencionava ver. Apenas deslizava pela estrada com os seus passos

sempre certos e leves. E quem poderia compreender os seus sentimentos violentos, os seus pensamentos sombrios naquele caminho solitário? Quem poderia explicá-los? Era apenas mais uma princesa, mais uma filha de um poderoso monarca, que se tinha repentina e injustamente deparado com a trágica condição que o destino lhe entregara.

Ao chegar a uma curva apertada, na qual se amontoavam pedras e atritos de um penhasco há muito desmoronado, a princesa teve de parar. E foi então que lhe chegou aos ouvidos um estranho som, vindo de baixo, de onde a água da cascata rugia. A princesa inclinou-se e escutou. De algum lado, sob os seus pés, ouvia-se um gemido, um uivo humano que a chamava. Logo esqueceu as mágoas que trazia e, movida apenas pela mais sincera bondade, a princesa iniciou uma longa descida pelo abismo, saltando entre saliências e reentrâncias na parede rochosa, com a agilidade de uma jovem rena, até que por fim alcançou uma pequena superfície, pouco maior do que uma mó. A partir dali não podia descer mais. A verdade é que tampouco lhe era possível subir, mas a princesa, cega pelo altruísmo, não pensou nisso.

O homem que gemia estaria nalgum lugar não muito longe, talvez sob a plataforma onde a princesa parara. Deitando-se, Erna espreitou e conseguiu vê-lo. Estava meio encostado, meio pendurado na borda pontiaguda da falésia, agarrado com uma mão à saliência na rocha e com a outra ao tronco de um pinheiro retorcido. O seu pé esquerdo descansava numa fenda; o direito não tinha apoio. Pela roupa que trazia vestida, não seria habitante de Ernoterra. A princesa nunca tinha visto seda, nem renda, nem bragas de camurça, nem botas de couro com esporas, nem cintos bordados a ouro. Nunca tal tinha visto.